

ANÁLISE PSICO-ORGÂNICA: UM ACOMPANHAMENTO INTEGRATIVO DO SER

CONFERÊNCIA COM ÉRIC CHAMP

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2015

Silvana – Boa noite a todos, gostaria de agradecer a presença de todos vocês, gostaria de agradecer imensamente a Éric Champ, que veio nos trazer a transmissão de alguns ensinamentos nessa noite e eu vou apresentar inicialmente o Éric que é psicólogo clínico, psicoterapeuta em Análise Psico-Orgânica, coordenador da escola Francesa de Análise Psico-Orgânica, especialista em clínica com adultos, famílias, adolescentes e crianças. Eu me chamo Silvana Sacharny, sou psicóloga e psicoterapeuta em Análise Psico-Orgânica e coordeno o Centro Brasileiro de Análise Psico-Orgânica. Nós temos uma vinculação, tanto o Centro Brasileiro quanto a Escola Francesa, aqui no Rio de Janeiro a dezessete anos, que a Escola existe aqui no rio e desde então existe esta vinculação Brasil, França. A Escola Francesa existe a uns trinta e cinco anos e nós também temos associações que reúnem os profissionais formados por essas escolas. Aqui no Brasil temos a Associação Brasileira de Análise Psico-Orgânica, com vários projetos. Projetos da clínica acessível, da revista de Análise Psico-Orgânica que vocês vão receber por e-mail, é uma revista digital, já é a segunda revista. Na França existe a Associação Europeia que engloba vários países, não só a França como Suíça, Alemanha, Bélgica, Líbano, Rússia, Lituânia e Finalmente França. Bom, eu fiz uma introdução, agora vou dar a voz para o Éric.

Éric – Obrigado Silvana, eu gostaria de agradecer publicamente por esse convite e também por tudo que vocês tem realizado, não só você como também seus colegas com a Análise Psico-Orgânica aqui no Brasil, ao mesmo tempo para difundir para um grande público, formando colegas e profissionais que se tornam psicoterapeutas em Análise Psico-Orgânica e que realizam um trabalho bastante importante e útil aos pacientes.

Me sinto muito honrado de estar com vocês esta noite, é sempre uma experiência muito singular de ser convidado para estar em outro país, me sinto profundamente tocado nessa situação, tocado profundamente na minha humanidade, na história do humano, que desde a noite dos tempos se constituiu por povos diversos, distintos. E se na televisão a gente vê tantos conflitos e guerras, também é muito importante aparecer uma outra realidade, desde sempre os homens buscam caminhos pacíficos para se encontrar e se respeitar nas suas diferenças.

Me sinto nesta fronteira, nessa consciência, nessa presença convosco, que ao mesmo tempo é tão próxima, tão parecida, mas com quem só posso falar com a mediação da Silvana. É frequente trabalhar no Líbano, com mulheres que usam

éus, com o trabalho Psico-corporal, mesmo um trabalho muito profundo, que é o tema sobre o nascimento, se a gente fica apoiado somente com as nossas representações, o que vem imediatamente é a diferença e até uma contradição, no entanto quando eu faço esta experiência, não existe diferença, finalmente os seres humanos, não importa de onde venham ou que nação eles pertençam, eles aspiram fundamentalmente as mesmas necessidades. Então é em torno disso que eu gostaria de falar hoje.

De outra forma, a singularidade de grupos sociais, de família é muito importante, mas de toda forma, todos os homens do planeta terra, não importa a religião, ou a crença; eles tem este trabalho a ser feito, não importa se no Equador ou no Polo Norte, tem o trabalho de tornar-se humanos, num mundo humano no qual pertencemos, esse problema é universal.

Para falar sobre a Análise Psico-Orgânica eu escolhi um tema que talvez seja um pouco barroco, Análise Psico-Orgânica uma abordagem integrativa do ser, pode não ser tão estimulante, mas gostaria de trazer para este título um peso de encarnação, de carne e que ligações vão se tecendo internamente em cada um, pois isso é o que importa, criar ligações. Ligações consigo mesmo, com o mundo que pertencemos e isso é uma grande maravilha do ser humano, poder ser esse criador potencial, então escutem bem, criadores de ligação, criadores de vínculo.

Falando inicialmente da Análise Psico-Orgânica, a partir de 1975, Paul Boyesen abriu essa via de exploração que ele nomeou Análise Psico-Orgânica e a questão que era o objeto de sua pesquisa é exatamente sobre a ligação entre o corpo e o espírito. No seu caminho Paul não partiu do nada. No estatuto da associação de Análise Psico-Orgânica ele fez questão que isso fosse registrado. A Análise Psico-Orgânica tem como base o trabalho analítico de Freud, Reich, Jung e eu complemento com a perspectiva, o eixo, do humanista existencial. A referência para estes grandes pensadores é muito importante, como diz o Einstein: “Estamos sentados nos ombros do gigante”.

Farei uma pontuação rápida sobre estes precursores, porque a questão do corpo em psicoterapia já foi pensada desde Freud, particularmente com a histeria que é a origem da psicanálise, que foi o objeto inicial dos estudos de Freud, quando a patologia histérica se caracterizava com muitos sintomas corporais. Freud seguiu através da sua clínica e o contato, particularmente com Charcot, constatando que esses sintomas, na época submetidos a hipnose, desapareciam, então ele começou a observar essa ligação misteriosa entre o corpo e a psique. Depois, na continuação do seu trabalho de investigação, Freud se deu conta que esses sintomas histéricos finalmente eram carregados de sentido, isto simbolizava de forma inconsciente uma lembrança recalçada, uma reminiscência recalçada, um traumatismo recalçado e que rememorar dentro do enquadre da cura analítica fazia com que o sintoma desaparecesse. O que ele conta é um mito, vocês vão encontrar em todas as histórias da psicanálise. Os historiadores especializados em história da ciência em especial, história da psicanálise trabalharam bastante este mito e mostraram que

Freud foi buscando caminhos bem particulares para transformar esta teoria em ciência. Eu não vou entrar neste caminho, porque tem muita coisa para ser dita. Se o Freud não fez ciência, contrariamente ao que ele pensava, o que ele encontrou foi essencial, o corpo pode ter uma dimensão simbólica.

No lado oposto, Wilhelm Reich que na época era alguém bastante próximo de Freud, se interessou muito em relação às atitudes e posturas corporais, não só o que a pessoa dizia ou deixava de dizer, mas qual era a forma com que ela falava, a forma como ela retinha seus afetos, as suas emoções, na forma como ela se escondia atrás de um sorriso, uma posição de encolhimento, uma inibição de afeto. Então ele foi se interessando em uma outra forma de realidade corporal. A forma do corpo no seu esqueleto, na sua musculatura, intervém nas suas capacidades para a pessoa ter um acesso ao seu mundo interno. Com Reich o recalque não é mais psíquico, o recalque se torna orgânico, serão as tensões musculares, as tensões tissulares (dos tecidos), o disfuncionamento do sistema visceral que terão um impacto sobre o funcionamento psíquico. Aqueles que conhecem o funcionamento da Massagem Biodinâmica podem compreender como a modificação da estrutura do corpo terá efeitos muito importantes sobre a subjetividade do sujeito. A pessoa modificando seu tônus corporal, podendo entregar as suas pulsões vai encontrar uma outra qualidade de contato consigo própria. Ela pode encontrar as suas próprias imagens, imagens que vão trazer um sentido simbólico para aquele sujeito, vai abrir os sonhos. A partir do apaziguamento e serenidade que ela vai encontrando, vai poder perceber todo um conjunto de elementos que não existiam anteriormente. Que vem de si mesmo, dos afetos, das sensações, podendo ser agradáveis ou desagradáveis. Também começará a perceber os afetos do outro e dessa forma poderá transformar a sua relação consigo e com o entorno. Aqui a gente está numa perspectiva completamente distinta da perspectiva Freudiana, posto que o acesso ao mundo subjetivo da pessoa só será possível sob o que é chamado de couraça muscular.

Se a gente se interessa pela perspectiva corporal, toca o corpo, ou convida a pessoa para mobilizar o corpo em alguma abordagem de Vegetoterapia, não é nem um pouco com um objetivo fisioterápico, é com o intuito do mundo interno da pessoa, que está a priori aprisionado, encapsulado nessa prisão da estrutura muscular e tissular, para se tornar disponível. Certamente quando a gente abre, quando a gente desencapsula, vamos encontrar elementos surpreendentes. Tem todo um trabalho do psicoterapeuta, para acompanhar o que emerge, porque a gente sabe que se uma pessoa vem ver um psicoterapeuta é porque existe insatisfação em relação a sua vida, em relação a como estar no mundo e não vai ser surpreendente que sob as proteções psíquicas ou físicas, o que encontramos é o sofrimento. Toda arte do terapeuta, precisará ser o acolhimento desse sofrimento e isso já é bastante coisa. Freud descobriu o quanto que a escuta e poder falar e abreagir seus sentimentos já era muita coisa, mas ainda assim, não é suficiente. O que a gente pensa e talvez saiba um pouco, em Análise Psico-Orgânica, é que junto ao sofrimento encontramos pérolas, o ser está sempre ali e existe todo um mundo não realizado ainda, sob o sofrimento, que está esperando ser realizado. Vocês

podem compreender aí, que o trabalho psicoterapêutico não é apenas um trabalho sobre o sofrimento, mas é sobretudo um trabalho de apropriação por detrás do sofrimento. O que uma pessoa desejaria para ela à muito tempo e é o que em Análise Psico-Orgânica a gente chama núcleo saudável do ser.

Quando falo de Freud temos o corpo simbólico, de sentido, do corpo de sentido, a referência de Reich é na direção do corpo orgânico, é aquele corpo que traz em si a sua memória, a sua história e um terceiro corpo é o corpo existencial. O corpo é verdadeiramente particular para o ser humano, a gente pode dizer – sim, nós temos um corpo – mas, nós somos um corpo e nós vivemos perpetuamente essa dualidade. O nosso corpo é o limite, que algumas vezes é doloroso, nós não conseguimos ter algumas performances esportivas que a gente gostaria, nós não podemos nos entregar a um certo prazer e abandono hedônicos, quando se bebe a gente vai pagar rapidamente as consequências, o corpo tem frio, o corpo tem calor, é necessário cuidar, é necessário alimentar, é necessário se aquecer, prevenir de certas agressões, etc., etc... muitos etc...

Por outro lado, o nosso corpo cria limites para a onipotência, por exemplo, para além de nós mesmos, o corpo vai mostrando o ciclo das idades, coisas que a gente fazia de forma elementar sem pensar, um dia o corpo pode recusar fazer. Meu pai por exemplo, que viveu longamente até noventa e um anos, quando ele tinha mais ou menos oitenta, oitenta e cinco anos ele dizia o quanto que era bizarro porque internamente ele se sentia sempre jovem – “mas quando eu vou, dou o meu passo, não é suficiente” – e isso me tocava muito, de quanto a alma não tinha envelhecido, ele tinha sempre os mesmos desejos, mas o corpo não acompanhava; isso é ter um corpo, mas nós somos um corpo. O mundo, o outro, nós mesmos, a gente aparece, tudo isto aparece, porque nosso corpo está em contato, porque nosso corpo vibra, nosso corpo percebe e tudo isto se traduz em sensação, em sentimento e esta é a vivência do corpo e é este corpo que traz o conhecimento sobre o mundo, de toda forma um certo conhecimento do mundo. Não é o conhecimento intelectual ou científico, isto é muito importante de uma outra forma, num outro lugar, mas o quanto que na nossa vivência própria, pessoal, não é a ciência que vai nos guiar. O que pode nos guiar é esse conhecimento íntimo do que a gente vive no contato carnal com o mundo e esta dimensão é central. Isto é um ponto chave da Análise Psico-Orgânica, o que a gente busca fazer desde o início da psicoterapia e ainda assim isso não é nada fácil.

A gente começa a escutar a palavra integrativo, que a pessoa comece a se reintegrar, que ela possa voltar para si mesma na sua existência. A existência de cada um é fundamentalmente onde eu me sinto existir, isso sem dúvida vai se ligar com as imagens, com as palavras. Mas as imagens e as palavras que não estão integradas ao sentimento e a sensação, que são como pássaros que não voltam para o seu ninho, então é muito importante de poder vivenciar, passar através do corpo para encontrar este sentido, que é o sentido de si próprio. É evidente que descobrir ou ter acesso a esse sentido de si mesmo é inevitavelmente um caminho na direção do outro, porque se eu sou um corpo, então eu conecto, faço contato

com o outro. O outro vai aparecer para mim como um outro que tem um si mesmo e aí é aonde a gente encontra toda a questão da alteridade e toda a questão do interesse pelo outro, sentir a empatia.

Esse contato sensível, sensível significa que passa pelo corpo, que permite sentir o que é vivo em mim, mas o vivo que está em você. Nessa perspectiva a gente pode se afastar de Freud e de Reich também, porque tanto um como outro, a gente pode até dizer um depois do outro, porque Reich foi bastante fiel a concepção da libido sexual do Freud. Para eles o corpo era o isto sexual, o inconsciente era um inconsciente pulsional, as pulsões agressivas, as pulsões sexuais. Freud fez todo um sistema completo, sem dúvida tem bastante verdade aí, mas na perspectiva existencial, na perspectiva de ser um ser encarnado, aqui a dinâmica não vai ser exatamente o gozo da pulsão mas muito mais o contato, com esta dimensão do vivo em si mesmo. Paul Boyesen vai utilizar com pouca frequência a palavra prazer, ele prefere usar contentamento, escutem a sutileza desta palavra, porque contentamento não é gozo de possuir, de pegar.

O contentamento é essa presença em si mesmo onde a gente integra os diferentes componentes do si mesmo, níveis muito complexos integrados, o homem ou a mulher que eu me tornei, mas também níveis bastante elementares. A pessoa que tem necessidade de uma presença tranquila, que precisa de um contato, que precisa de um apaziguamento, que precisa se sentir reconhecida, que precisa compartilhar afetos e sentimentos, que precisa trazer um sentido ao mundo, ao universo e também aos seus próprios comportamentos e atitudes. Todas estas dimensões fazem com que a vida nessa dimensão viva e essencial, mereça ser vivida.

Eu trouxe uma espécie de panorama sobre as teorias em que a Análise Psico-Orgânica está apoiada, mas Paul Boyesen, no seu movimento criador não procurou construir uma teoria fechada, finalizada, ele procurou explorar a ligação entre o corpo e a psique com muita criatividade ele encontrou as ferramentas. Ferramentas estas que vão tocar o corpo diretamente, que pode ser o toque, que pode ser através da respiração, pode ser através de movimentos corporais, mas também desenvolveu ferramentas que falam de grandes temas. Não é surpreendente que ele se interessou sobre o grande tema que é o nascimento, particularmente o nascimento do ser, como vocês sabem, nós nascemos antes de nascer, a gente nasce na barriga da nossa mãe. Certamente que o nascimento não começa na hora em que a gente está saindo da barriga da nossa mãe, então desde o começo, onde o processo da encarnação se inicia, depois da fecundação, o ser já começa a nascer.

É muito surpreendente como Paul já teve essa intuição, muito cedo lá atrás, não é exatamente uma intuição, mas se refere a um conhecimento que as mães tem, o que as mães sempre sabem é que a criança que está chegando no nascimento é aquela que ela está em contato, em diálogo desde o início. Para os homens é um pouco mais complicado isto, então Paul Boyesen vai se interessar por

esse nascimento do ser. Criou toda uma conceptualização e um trabalho terapêutico em torno justamente das cinco fases do nascimento, esse processo da encarnação destas cinco fases do nascimento. Depois ele também explorou e desdobrou como sendo um protótipo de todos os instantes da vida. Finalmente a vida como um todo pode parecer como um nascimento, como um dia pode parecer com um nascimento, como um instante pode parecer um nascimento e toda nossa vida, pequenos momentos como em grande momentos, a gente não para de dar nascimento ao nosso ser, através de pequenas concepções, de pequenos projetos, ou de grandes concepções, de grandes projetos, que são para cada um, uma forma de continuar a nos colocar no mundo. Então ninguém pode afirmar que terminou o seu trabalho de nascimento, todos os dias, a cada dia a gente continua a nos colocar no mundo, até o último dia de nossa vida. O nosso mundo que é um mundo de controle, de vontades, que também são funções importantes, entrevê dificilmente, que o envelhecimento também é um nascimento. Evidentemente que a gente não vai olhar a vida da mesma forma, quando a gente tem 10 anos, 20, 40, 60, 80. A cada vez é novo, evidentemente é necessário aceitar largar a onipotência, não controlar esta ilusão do devir e aceitar que o movimento da vida, é a vida que está aí, num nível profundo do ser, certamente.

Isso não nos impede, em paralelo, de tratar de todos os níveis da existência, eu não estou propondo entrar em meditação profunda para sempre. Mas vocês compreendam que uma vida que não está integrada nessa profundidade em si mesma, nesse sentido profundo que vem do corpo, sensação, sentimento, é uma vida que vai perder o sentido, aonde não há essa integração. Então para nós, na nossa abordagem terapêutica, paradoxalmente o sentido não passa pela cabeça, o sentido passa pela barriga, inicia na barriga.

O que acontece quando uma pessoa chega na terapia, alguém que não conhece nenhum trabalho sobre si, ousar ver um psicoterapeuta já é todo um processo. Quando ela conseguiu atravessar todos os seus obstáculos internos, ela chega bastante desamparada, com uma certa inquietude, muitas vezes um pouco escondida. Ela busca que o terapeuta compreenda o melhor possível, muitas vezes de uma forma muitas vezes meio torta, com muitos desvios, que ela não está se sentindo bem. Isso já é muito importante, quando a pessoa pode dividir esse sentimento, porque aí ela já não está num discurso sobre sua vida, ela não está tentando explicar propriamente, ela pode se abrir a esse sentimento que a trouxe ali. Eu não estou bem, e se ela faz isso, se ela pode nomear isto, muitas vezes o terapeuta vai ajudar nessa formulação, ela já soltou sua onipotência, já começou a se abrir a um outro mundo que emerge nela e que é inquietante. Aí o que o psicoterapeuta vai fazer? Como é que ele vai lidar com isto na Análise Psico-Orgânica? Procura buscar rapidamente, uma vez que o contato e o vínculo está assegurado, ele vai pedir para ela deitar, fechar os olhos e deixar emergir o que está ali. Então é soltar essa atividade mental, a gente tem um polo ultra ativo que é a inteligência e a vontade, ao mesmo tempo são verdadeiros tesouros que a gente tem, não é para deixar de ser inteligente, mas em psicoterapia esse polo da inteligência e da vontade ao mesmo tempo são demônios. Porque o que a gente

busca em psicoterapia é a emergência do não conhecido, convidar a pessoa para se entregar, entregar o seu corpo, que gradualmente, desse lugar de maior relaxamento vai emergir, aflorar as sensações, os sentimentos, os afetos, as imagens, que a pessoa num primeiro momento não sabe o que fazer com isso. Muitas vezes não sabe a que ligar, a que referencia, e é evidentemente o terapeuta que aos poucos vai começar a ajudar a pessoa a integrar esses elementos, como por exemplo, escuta essa sensação, o que vem com ela? Uma imagem, uma situação? O que aparece? O que está aí? E a partir do que não está decidido, o que não está decidido no lugar da vontade, mas sim a partir do que está emergindo com a ajuda do terapeuta, algumas ligações vão começar a ser tecidas e a pessoa começa a se religar ao seu mundo interno. Associados a essa multiplicidade de sensações e sentimentos também vão aparecer uma multiplicidade de situações que constituem esse mundo interno da pessoa, é aí que o “Xamã” da cura vai poder aparecer. Eu já estou fechando um pouco para podermos dialogar, mas quero trazer uma certa frase mágica, a frase que é uma chave mágica para todo mundo. Quando não está bom, quando uma pessoa em terapia está em contato com o sofrimento, com uma dor muito forte e que ela expressa toda sua frustração, toda sua cólera, toda a dureza, a falta que ela viveu. A frase mágica é: o que você tem necessidade? do que você precisa? E aí, muitas vezes, vai aparecer esse núcleo saudável, esse núcleo vivo da pessoa, que está sempre presente, profundo... poder se apropriar dessa necessidade e soltar as faltas do passado. Se tornar responsável, poder se apropriar das suas próprias necessidades, sair do lugar do sentimento de vítima, de parar de pedir que o outro seja responsável pela sua própria necessidade, mas reconhecer e se responsabilizar por suas próprias necessidades. Uma última frase, o que é mágico neste lugar da necessidade, porque quando a gente conecta à necessidade, a gente não precisa forçosamente que isso se realize. Porque no momento que a gente sente o que a gente precisa, está aí, tem um lugar que se relaxa, tem uma tranquilidade que pode se instalar, não tem mais a urgência da angústia, a gente sabe a onde a gente está, sabe aonde a gente quer chegar e sabe que não vai mais perder o caminho.

Vou finalizando com esses pensamentos e abrindo para reverberações, o que vocês gostariam de trocar, de perguntar, de expressar.

Ouvinte - eu gostaria de agradecer pela palestra e gostaria de saber sobre uma correlação com Jung, se você pudesse complementar, mesmo que superficial...

Éric - É verdade, eu deixei de lado o Jung, é o autor que eu menos trabalhei, eu também não fiz tampouco uma psicanálise pessoal nessa abordagem, contrariamente as outras formas de terapia, eu atravessei pessoalmente as outras abordagens, então eu me sinto muito legítimo quando falo, mas fazendo ligação com sua questão, Jung distinguiu quatro funções da psique: o sentimento, o pensamento, a sensação e a intuição e para Jung essas quatro funções serviam como orientação para a psique. Jung também pensava que sensação e sentimento eram fundamentais para poder orientar seu próprio pensamento.

Silvana me lembra a ligação entre a abordagem Junguiana e o trabalho com as imagens na Análise Psico-Orgânica. O Freud identificou o inconsciente sexual, o Jung não contestava esse descoberta, mas ele considerava como parcial e que existia um outro inconsciente, que para ele era o inconsciente coletivo. Constituído de imagens arquetípicas, que nos leva as estruturas antropológicas da humanidade, é toda uma memória da humanidade que existe nestas imagens arquetípicas e existe nelas todas as dimensões do vivo, do humano e não humano. Na Análise Psico-Orgânica a gente pensa que as imagens tem uma potência de simbolização do mundo psíquico próprio da pessoa. A gente não fica com o arquétipo propriamente como Jung, a gente vai trabalhar muito com essas imagens simbólicas arquetípicas para a pessoa, por exemplo, quando a gente trabalha sobre a imagem da mãe simbólica, a imagem do pai simbólico. São imagens que a pessoa vai tocar, que são arquetípicas, mas para ela. A gente pode fazer um trabalho muito ativo com essas imagens, não exatamente uma análise das imagens, porque a análise da imagem vai cortando, detalhando e a gente mantém a potência da evocação da imagem como um todo. Não é uma desconstrução, quando a gente trabalha com as imagens simbólicas é um trabalho de criação do ser e isso também faz parte das pérolas que eu falei no início, que a gente vai buscar e descobrir atrás do sofrimento. A Análise Psico-Orgânica vai estimular este trabalho.

Ouvinte – Lá no início ele falou do problema universal do ser humano de se tornar ele mesmo, um ser integral, eu queria saber em sua visão, aonde o ser humano se perdeu do seu eu essencial. Esse eu que a pessoa chega no processo terapêutico aonde ele se perdeu.

Éric – A gente tem um longo caminho para cumprir quando a gente se encarna, o risco é não se encarnar, então a gente precisa construir uma forma, é necessário construir uma identidade. Se inscrever no ambiente humano que tem regras, formas de fazer, formas de expressar as emoções, sua linguagem, é muito importante adquirir uma forma. A gente se perde quando a forma que a gente adquire se torna uma forma muito rígida para si próprio, é claro que o percurso da vida terá muitas exigências. Esperar que uma criança saiba o que fazer, ou um adolescente ou um jovem saiba a profissão que vai exercer, será que isto é possível? As vezes aquele ser tem uma lucidez, no sentido de já querer e sentir aquilo, a experiência dele, pessoal, é importante construir, fazer, agir. Para fazer a experiência do que é viver, tem sempre esta ida e vinda, e aí que é muito importante estar em conexão com a sensação e o sentimento, como eu compreendo, a gente só pode funcionar neste ensaio de acerto e erro. As vezes a gente se engana bastante e vamos conseguir conquistar muitas coisas também, então poder soltar a visão de uma pessoa com muitas vontades, que constrói seu destino como a gente conduz um barco. Esta visão, que as vezes pode ser a visão dos educadores, não é uma visão muito adaptada em relação do que é a vida, penso também que viver é bastante complexo, é como subir até o topo do corcovado sem conhecer o caminho, então é necessário se perder, isso também é importante. É importante compreender isso, não dá para pensar que a vida será uma sucessão de etapas bastante satisfatórias

que a gente decidiu escolher passo a passo. É um processo de criação semicaótico que a gente vai tateando, busquem também não se perder muito para poder chegar em algum lugar finalmente.

Quando eu tinha 25 anos eu nunca concebi que estaria aqui neste momento, no percurso de agora, eu me agradeço e agradeço a todos aqueles que eu encontrei que me deram e eu que aceitei entrar em mim. Assim como vocês estão respondendo a minha presença e todos os dias existem pessoas que estão respondendo a nossa presença e é assim que a vida se faz, na resposta, com a resposta. Eu não estou eliminando os problemas sociais, físicos, existem grandes problemáticas que podem ser obstáculo e a gente vai colocar muita energia e responsabilidade para cuidar disso tudo também.

Ouvinte – Tem uma imagem interessante, um ser humano, uma inteligência e uma vontade à frente e um corpo correndo atrás, sempre aquém da inteligência e da vontade e um mundo que estimula isso, esses dois polos, o corpo corre e a vontade que vai...

Éric – Boa imagem esta...

Ouvinte – Eu trabalho com a abordagem chamada comunicação não violenta, e a base é conhecer a necessidade, o que a pessoa precisa, a base do trabalho é justamente chegar a isto, então eu fiz uma ligação com as suas frases, então a minha pergunta é: na Análise Psico-Orgânica, como o terapeuta ajuda a pessoa a se conectar com estas necessidades?

Éric – A Análise Psico-Orgânica é uma psicoterapia que vai atravessar as camadas do sofrimento, a gente não trabalha só com o nível adulto, onde você pode me dizer qual as suas necessidades, nesse nível, mesmo mais aprofundado, mas ainda num nível adulto. É uma psicoterapia que pensa que muitas coisas estão encapsuladas de uma forma mais profunda e a pessoa não terá acesso, o adulto não vai ter acesso se não fizer este trabalho de ir buscar e abrir as faltas que vão mascarar as necessidades que você está perguntando. O que você fala sobre a comunicação não violenta e as necessidades são bastante presentes na Análise Psico-Orgânica, mas a gente faz um trabalho de descida no interior da pessoa através do seu inconsciente para transformar todo este residual que está ocupando a pessoa.

Ouvinte – Eu gostaria de entender concretamente como trabalha a Análise Psico-Orgânica, é uma terapia corporal não é?

Éric – O nome diz, é um trabalho de Análise Psico-Orgânica, pode ter múltiplas formas, penso numa paciente, num determinado momento durante uma sessão, ela se sente muito tensa, muito angustiada, esfregando as mãos dizendo: as minhas mãos estão frias. O terapeuta trabalha consigo próprio, o que ele percebia nesta sessão é que ela não conseguia se conectar. Tinha muita tensão e

ela não conseguia ultrapassar através desta tensão e na interação terapêutica que é um processo co-criativo eu fiz a escolha de pegar nas mãos dela. Eu tenho as mãos quentes, o fato de pegar as mãos dela criou um elo imediatamente com o entregar-se e ela começou a falar das mãos frias da mãe dela, por exemplo.

Ouvinte – Qual é a diferença do trabalho corporal da Análise Psico-Orgânica para o trabalho Reichiano?

Éric – Um trabalho estritamente Reichiano é um trabalho estruturado numa progressão, que vai trabalhar sobre os anéis reichianos. Diferentes seguimentos corporais investidos pela libido no decorrer do desenvolvimento e vai ter exercícios corporais específicos a cada nível para trabalhar as estases ligadas a cada nível, fazendo emergir nesse momento a energia bloqueada, a expressão emocional bloqueada. Na Análise Psico-Orgânica a gente não tem um programa, não tem exatamente um plano de intervenção. A gente parte do projeto do cliente, acreditamos que a pessoa sabe exatamente aonde ela quer ir. Ela não sabe na cabeça dela, mas ela sabe na profundidade dela, então o importante para a gente é criar o espaço para isto emergir. Pode ser uma atitude paradoxal, ao mesmo tempo o terapeuta precisa estimular, para que o mundo interno acorde e se expresse, mas ao mesmo tempo, o terapeuta não pode de forma alguma invadir o mundo psíquico do cliente, é uma presença, uma forma de estar junto que é muito sutil.

Depois vão aparecer problemáticas e o terapeuta vai ter leituras destas problemáticas, por exemplo: uma pessoa que não sabe dizer não, nesta observação ele vai procurar que o cliente compartilhe, porque é difícil dizer sim quando a gente não sabe dizer não. Então a partir daí o terapeuta vai ter intenções de trabalho, é essa dança sutil entre o que vai emergir, que é próprio do cliente, as problemáticas que aparecem e que se repetem, as ferramentas, os instrumentos terapêuticos que o terapeuta vai usar para ajudar a pessoa, para trabalhar estas problemáticas. É tudo isso que existe no campo, é por isso que a formação é longa, não é um aprendizado de ferramentas, técnico. Sem dúvida a gente vai aprender instrumentos, mas o instrumento, a ferramenta propriamente não serve se a gente não desenvolveu essa escuta do outro, esse modo de estar com o outro, essa forma do terapeuta poder sentir internamente a experiência do cliente e de poder se ligar ao cliente de forma terapêutica, Nesse sentido a gente não pode dizer que é uma terapia corporal, a gente não tem um programa corporal, é uma Análise Psico-Orgânica.

Ouvinte – Em algum momento pode entrar alguma coisa lúdica, acesso a cores, a objetos...

Éric – Fundamentalmente a gente trabalha com as sensações, as emoções, as imagens, os movimentos, as palavras próprias da pessoa que são o suporte da subjetividade que a gente vai estimular e acompanhar no processo da Análise Psico-Orgânica. Pode acontecer a partir de uma preocupação terapêutica que a gente possa utilizar mediadores, mas não é uma terapia lúdica, mas pode acontecer. O que a gente utiliza muito é um cenário psíquico, de olhos fechados a

gente pede uma determinada situação, a pessoa se coloca na situação e nesse lugar ela vai se representar e criar um diálogo intrapsíquico com diferentes elementos da situação e existe todo um processo de evolução dessa situação interna. Um exemplo emblemático, os mediadores terapêuticos não estarão excluídos mas não são o centro do método.

Ouvinte – Eu queria saber qual a ligação do processo terapêutico com o trabalho criativo do toque.

Éric – Tudo está na intenção terapêutica, se o terapeuta toca ou trabalha com a massagem com a pessoa, pensando que é ele terapeuta, que está sendo a boa mãe que o paciente nunca teve, do meu ponto de vista a gente está numa direção errada, pois não se trata do terapeuta se tornar o objeto atual de uma substituição do que não existiu lá atrás. Por outro lado, o terapeuta quando conectado a importância do toque, o toque é uma necessidade primária para todo mundo, nesta presença, no universo do toque, ele não vai se colocar no lugar da mãe, mas ele está numa disposição materna tocando o paciente. Por exemplo com uma intenção de conter, de dar continente, de holding, isso permite ao paciente fazer a experiência de ser tocado, é nesse lugar que o processo criativo pode acontecer. O que vai acontecer para o cliente, isto é a criação, e o sentido que vai aparecer, seja qual for a sensação, o afeto, as imagens, do que emergir estará ao serviço da terapia.

Éric – Agradeço imensamente a presença de todos e o acolhimento.

Ouvintes – Aplausos!

Transcrição: Edgard Sobreira